

## **RECENSÃO**

### ***SOB CÉUS VERMELHOS, DE KAROLINE KAN***

## **REVIEW**

### ***UNDER RED SKIES, BY KAROLINE KAN***

**João de Mancelos<sup>1</sup>**

Universidade da Beira Interior

**Palavras-chave:** China, cultura, mudança, alteridade, ensaio biográfico

**Keywords:** China, culture, change, Otherness, biographical essay

*Sob Céus Vermelhos*, de Karoline Kan, uma jornalista do *New York Times*, apresenta um retrato da China como provavelmente nunca a concebemos. A autora percorre décadas de mudança, mostrando o seu país a transitar de uma economia rural para a indústria da eletrónica; do campo para as gigantescas urbes; da fidelidade cega ao comunismo de inspiração maoista para uma hesitante abertura ao capitalismo. O texto afasta-se do discurso científico, normalmente circunscrito à história coletiva e escorado pela frieza das estatísticas. Em vez disso, Kan opta por um registo vivo, descrevendo episódios — ora traumáticos, ora humorísticos — da sua vida. Combina estas experiências pessoais com relatos produzidos por três gerações de familiares, que

---

<sup>1</sup> Licenciado em Estudos Portugueses e Ingleses (Universidade de Aveiro, 1992), mestre em Estudos Anglo-Americanos (Universidade de Coimbra, 1996), doutorado em Literatura Norte-Americana (Universidade Católica Portuguesa, 2003), pós-doutorado em Estudos Culturais (Universidade de Aveiro, 2012), agregado em Estudos Culturais (Universidade de Aveiro, 2015). Docente na Licenciatura e Mestrado em Cinema da Universidade da Beira Interior (Covilhã, Portugal). Autor de obras de ensaio, poesia e conto.

sofreram a distopia chinesa. Daqui resulta uma visão singular do gigante asiático, nas suas contradições e rápidas mudanças:

A minha mãe foi criada com histórias de heróis e soldados salvadores do nosso país. Também a mim me criaram com histórias grandiosas, mas além disso com contos de fadas ocidentais sobre a Branca de Neve e a Gata Borralheira. A geração da minha mãe considerava normal “comer o pão que o diabo amassou” e vivia com o prazer da culpa. Eu e Chunting — pelo contrário — lidávamos muito bem com ele. (Kan, 2020, p. 164)

O simples nascimento da autora de *Sob Céus Vermelhos* é conturbado e representa um desafio às autoridades. Entre 1990 e 2015, com o objetivo de controlar a elevada taxa de nascimentos, o governo chinês instituiu a “política do filho único”. Como Shumin, a mãe da autora, já tinha um menino, fica em pânico. As mulheres que engravidassem uma segunda vez eram aconselhadas a abortar e enfrentavam ainda a esterilização obrigatória, em hospitais sem condições de higiene. Shumin só escapa a este destino graças a fugas rocambolescas e a pequenos subornos, reveladores de uma China onde a corrupção imperava. Apesar das vicissitudes, a família Kan recebe com alegria o novo membro, Karoline:

A minha mãe disse-me mais tarde que sentira um grande alívio ao verme. Eu nascera, já não podiam matar-me. (...) O meu avô materno, Laoye, pôs-me o nome de Chaoqun, que significa “sobressair da multidão”. Era um bom nome, pois a sobrevivência e a diferença seriam os temas dominantes da minha vida. Mais tarde, como escritora, eu adotaria o pseudónimo de Karoline. (Kan, 2020, p. 43)

Karoline conseguiu nascer, mas isso não significava uma vida fácil, pois era uma menina num país que privilegiava crianças do sexo masculino, por múltiplas razões, inculcadas na mentalidade rural:

Os rapazes herdam o nome da família.

Os rapazes apoiam-nos financeiramente quanto envelhecemos.

Os rapazes varrem os nossos túmulos quando morremos.

(Sim, até esta última razão me foi transmitida como válida — como se as raparigas não soubessem varrer!)

Outra razão mais pragmática era que os rapazes conseguiam arranjar melhores empregos e, portanto, ganhar mais dinheiro. (Kan, 2020, p. 55)

Neste contexto, era frequente as mães interromperem a gravidez quando sabiam que o feto era do sexo feminino, abandonarem a criança ou simplesmente darem-na para adoção. Segundo as estatísticas, cerca de sessenta milhões de meninas tiveram um desses destinos.

A mãe de Karoline cedo percebe que a educação da filha é a única forma de a libertar de um meio campesino asfixiante e discriminatório para as mulheres. Para tanto, migra para a moderna urbe de Lutai, ou Ilha dos Juncos, onde tenciona concretizar o projeto de ser professora num jardim de infância independente:

Para os camponeses, aceder à cidade era tão mágico como penetrar em Oz, ou em Daguanyan, a mansão existente num dos mais famosos romances chineses, *O Sonho do Pavilhão Vermelho*. Nas cidades, as ruas eram todas pavimentadas, pelo que em dias de chuva as calças não se enlameavam; os habitantes iam todas a manhãs de bicicleta para as fábricas, evitando caminhadas de quilómetros; os operários envergavam asseados uniformes azuis com colarinhos revirados; os soalhos das casas eram revestidos com uma tijoleira cinzenta limpíssima, e não com tijolos sujos. (Kan, 2020, p. 75)

Contudo, também esta mudança implica enfrentar a discriminação perpetrada pelos habitantes da cidade, receosos de que a migração dos camponeses lhes subtraia postos de trabalho:

(...) tendo eu nascido numa aldeia, era considerada inferior a quem nascera numa cidade, pois mais que trabalhasse ou por muito mérito que tivesse. Isso era desolador para mim em criança, porque todos os adultos na minha vida também haviam instilado em mim que o *hukou* era decisivo. Como imigrantes, tornamo-nos estranhos noutra país; mas sentir-se um estranho no seu próprio país era outra história. (Kan, 2020,

p. 75)

É na cidade de Lutai que a pequena Karoline inicia o seu percurso escolar e, indissociável deste, ideológico. O retrato que tece revela um sistema de ensino controlado pelo estado, sob a égide dos quatro princípios da China: civilizada, unida, industriosa e progressista. Desde o primeiro dia que os estudantes são instados a obedecer ao professor e a memorizar os preceitos do comunismo, sem questionarem. Tal sistema é promovido através de denúncias e de castigos:

Na escola, uma grande faixa vermelha de boas-vindas decorava o portão. Dois alunos mais velhos estavam postados à entrada, eretos e trajando faixas vermelhas a tiracolo. (...) À medida que os dias passavam, notei também que eles eram ali colocados para fazer cumprir as regras. Sempre que davam por alunos que não levavam o lenço tabaqueiro vermelho, interpelavam-no e anotavam os nomes. O professor encarregado dessa turma sofreria uma redução no seu bônus anual. (Kan, 2020, p. 96)

Kan esboça, aqui, as primeiras considerações acerca da questão da alteridade na China: na escola, as crianças são doutrinadas para desconfiarem dos estrangeiros, sobretudo os norte-americanos, símbolo do capitalismo e da ameaça externa. A pequena Karoline experiencia perplexidade e ambivalência perante este estereótipo:

Eu achava que os americanos eram estranhos. Pelo que via e ouvia dizer, eles eram uma contradição ambulante, simpáticos, mas maus, românticos, mas cruéis. Sentia-me confusa. Vi filmes como *Forrest Gump* e *Titanic*, onde toda a gente parecia boa — desde o Tom Hanks, que salvava o tenente Dan no Vietnã, a Leonardo DiCaprio, que salvava o amor da vida dele. Adorávamos esses filmes — os DVD pirata eram baratos e acessíveis em qualquer mercado — e os atores americanos, mas aí o nosso professor de ciências políticas dizia coisas no género:

— O plano dos americanos é vencer-nos e dar cabo do nosso país. (Kan, 2020, p. 104)

Por contraste, os grandes líderes chineses são reverenciados e os professores apontam-nos como exemplo a seguir. Num passo humorístico, os alunos são instigados a chorarem pelo recém-falecido presidente Deng Xiaoping — sem fazerem ideia de quem é:

Nesse dia, o diretor Li chegou à nossa sala com três rapagões dos últimos anos a carregarem um televisor. As minhas colegas ficaram entusiasmadas e começaram a aplaudir. Acompanhava-os uma rapariga, transportando consigo o retrato de um velho que pendurou no quadro. O diretor Li sussurrou algo a Xiangju. Ao contrário do que era habitual, pareciam severos, sem trocarem um sorriso.

— Caros estudantes. — Xiangju voltou-se para se dirigir a nós enquanto o diretor Li se encaminhou para o fundo da sala. — Sabem que o nosso querido avô Deng Xiaoping morreu? — Fez uma pausa, descompondo o rosto numa careta. Eu sei que estão tristes, como eu — prosseguiu ela. — Graças ao apoio do nosso diretor, podemos assistir ao funeral e prestar homenagem, todos juntos, ao Avô Deng. Podem chorar. (Kan, 2020, p. 107)

As crianças quedam-se estupefactas, entre a quase irreprimível vontade de rir e a obrigação de obedecerem ao professor, carpindo, inusitadamente, um desconhecido.

Na fase mais marcante da sua vida, Kan ingressa na Universidade de Estudos Internacionais de Pequim, um estabelecimento dedicado às línguas e às culturas estrangeiras. Encara esta mudança como uma ocasião para conquistar independência, adquirir saberes e abrir a mentalidade. É nesta época que se inteira dos protestos ocorridos em 1989, ano do seu nascimento, na Praça de Tiananmen, protagonizados por estudantes desejosos de reformas:

A 4 de junho, cinquenta dias após o início dos protestos, o governo enviou o exército e tanques para reprimir as manifestações — numa confrontação violenta com os militares, que invadiram a praça. De várias centenas a mais de duas mil pessoas, sobretudo estudantes, foram mortas. O número exato é desconhecido; as autoridades nunca forneceram a lista das vítimas, e existe uma regra tácita — dos mais gritantes exemplos de autocensura — que proíbe seja quem for de falar

acerca disso, e muito menos de escrever, numa tentativa de apagar essa memória. (Kan, 2020, pp. 101-102)

O conhecimento deste brutal ato de repressão constitui um ponto de viragem na vida de Kan. Aqui desperta a sua consciência política e, concomitantemente, o ativismo, através da escrita. A jovem questiona cada vez mais as políticas do governo, pois sente a forte tensão entre os sonhos dos individuais e os projetos distópicos do comunismo chinês. O crescente contacto com estrangeiros e estudantes que pensam de forma semelhante à sua molda as suas ideias e aguça-lhe o espírito contestatário.

Porém, como manifestar-se? O primeiro emprego, na revista inglesa *That's Beijing*, proporciona a Kan a oportunidade de refletir e escrever sobre a China, mas apenas numa perspetiva sociocultural. Seria preciso aguardar até 2016, para iniciar atividade no *New York Times* e sentir a dupla consciência a que aludiu o afro-americano W. E. B. Du Bois: saber quem se é e saber como se é percecionado pelo Outro. Fruto desta perspetiva, *Sob Céus Vermelhos* constitui uma descoberta da História, não a partir de manuais, mas através das experiências e memórias pessoais e familiares. Daqui resulta uma visão desassombrada da China, entre o sonho e a distopia, e também uma denúncia da força esmagadora do dogma num país onde a liberdade é ainda uma miragem — ondulando na incerteza do futuro.

Kan, K. (2020). *Sob Céus Vermelhos*. Trad. António Sabler. Lisboa: Quetzal. ISBN: 978-989-722-465-2.